

Novo molde de lucernas aparecido em Braga

POR

José João Rigaud de Sousa
Professor do Conservatório de Braga
Da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Tivemos ocasião de registar, em 1966, nestas mesmas páginas, o aparecimento durante as obras de abertura da rua de Santos da Cunha (freguesia de Maximinos, Braga) de um molde de lucernas do maior valor.

Tratava-se da parte inferior de um molde de barro esbranquiçado, muito bem cozido, com a marca do oleiro L. Munatius Threptus e que serviu para fabricar lâmpadas de volutas do tipo Dressel I4, Broneer XXIII, British Museum 84, Loeschcke VI ou Palol 8, quer dizer uma peça do segundo quartel do séc. I d. C.

Recordemos a descrição sucinta que então fizemos. O fragmento que estudamos estava reduzido a uma parte da base, do depósito e início das volutas do bico. Na sua face exterior, para diminuir a espessura das paredes, foram abertos orifícios cónicos. Nesta mesma face, mas no fundo, vêem-se os restos duma legenda profundamente gravada (DO numa linha e MI na seguinte). No fundo da face interna, isto é, na parte correspondente à base da lucerna lê-se, no centro de um círculo, em letras relevadas, a marca do oleiro L. Munatius Threptus, escrita de forma retrógrada ou seja TPERTNUM.

Ora, já depois da publicação das referidas notas, foi-nos dado conhecer um novo fragmento de molde encontrado no mesmo local e na mesma altura do já descrito e que se encontrava retido na posse de um particular.

Este novo molde é em tudo semelhante ao anterior mas de dimensões maiores. Infelizmente também se encontra fracturado e desta vez a fractura deu-se exactamente pelo ponto onde devia estar a marca eliminando-a na totalidade e igualmente nada acrescenta para a interpretação da legenda exterior, da qual só nos ficou a primeira linha DO.

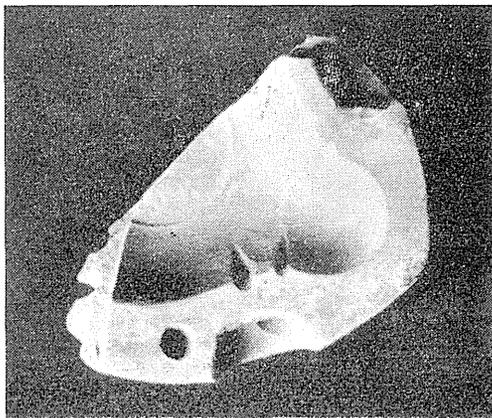


Fig. 1 — Face interna do molde

A importância de este novo achado é vir juntar mais um elemento probatório da existência duma oficina de fabricação de lucernas em Braga. Foi extremamente lamentável para o prestígio da ciência nacional não terem sido efectuadas escavações no local. Se os responsáveis pelas obras tivessem cumprido o que está determinado pela lei (Dec. 20 985 de Março de 1932, art.º 48) ter-se-iam obtido importantes dados científicos e evitado que esses elementos se dispersassem pelas mãos de particulares, para já não falar dos que inevitavelmente se perderam.

No nosso anterior estudo, púnhamos como hipótese a possibilidade do molde então referido ter sido fabricado em Braga ou porque a oficina de L. Munatius Threptus fosse bracarense ou porque algum oleiro bracarense tivesse reproduzido abusivamente o molde. Na altura, já consideramos estas duas hipóteses como

muito pouco prováveis, julgando no entanto como hipótese mais viável a existência em Braga de uma sucursal desse oleiro.

Tempos depois, tivemos a possibilidade de conseguir que fosse feita uma análise rigorosa da pasta com que foi fabricado o molde (1). Por ela se verificou que a argila utilizada não era da região bracarense, o que veio fortalecer ainda mais a nossa anterior

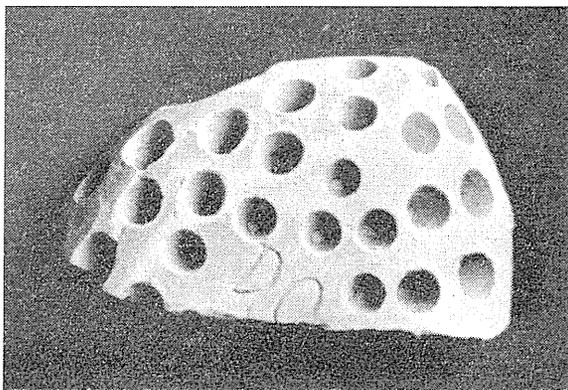


Fig. 2 — Face externa do molde

opinião. Infelizmente, por motivos alheios à nossa vontade e à do ilustre técnico autor da análise, foi impossível continuar com ela no intuito de determinar a origem da argila.

O aparecimento de mais este molde, agora referido, também milita a favor da hipótese então formulada.

Em resumo podemos afirmar que continuamos a perfilhar as conclusões então tiradas, de que em Braga, no segundo quartel do séc. I d. C. se fabricaram lucernas de boa qualidade, atendendo à qualidade dos moldes utilizados e que possivelmente essa oficina era subsidiária da de Munatius Threptus.

(1) Ao Dr. António José Rebolho Lapa agradeço toda a boa vontade que pôs na análise da pasta destes moldes, fazendo votos para que a prossiga e em breve publique tão útil trabalho para prestígio da nossa arqueologia.